

# REESCRITA E AUTORIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE ESCRITA

## O Papel do Interlocutor na Reescrita da Criança

Lígia Maria Nogueira Barioni

Orientação: Profa. Dra. Raquel Salek Fiad

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (IEL/UNICAMP)

Financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Palavras-chave: Aquisição de Escrita, Reescrita, Papel do Interlocutor

 linogueira@hotmail.com



### INTRODUÇÃO

A escolha deste tema se deu a partir da observação de episódios de reescrita do sujeito L. mediante a interferência de um interlocutor. Durante o processo de reelaboração da escrita, mostram-se as reflexões feitas e hipóteses levantadas sobre sua construção com um adulto letrado indicando-lhe o caminho.

### METODOLOGIA

A partir da busca por indícios, baseado nos trabalhos de Carlo Ginzburg (1968), foi utilizado um corpus longitudinal que compreende dados de aquisição da escrita de L. Este se encontra no Banco de Dados do IEL/UNICAMP e foi escrito pela mãe de L., também pesquisadora, em um diário que compreende do 1º ano ao 7º ano de idade. Foram recortados episódios entre o período de 3 a 5 anos de L., em que procurou-se levantar reflexões sobre o papel do interlocutor. Esta pesquisa foi ancorada nos trabalhos de ABAURRE, M.B.; MAYRINK-SABINSON, M.L. & FIAD, R.S.

### APONTAMENTOS

Cheia a folha. Lia pede outra. Ela pede para eu escrever Lia, e eu sugiro "Eu faço aqui em cima (mostro) e você faz aqui embaixo, tá?" Escrevo LIA. Lia faz um L embaixo e me passa a caneta. "Mas tá faltando letral", digo e mostro o IA. Lia faz um pingo no L (o meu I é pingado) e desenha um quadrado ao lado e me devolve a caneta com um "Pronto. Agora faz você mamãe" Escrevo MAMÃE. Lia olha. "Assim não. Assim." (Fazendo rabiscos embaixo). "Agora o nome do papai". Faço o E e Lia diz "Pronto! Cê já fez!" M: "Não. Tá faltando as outras letras." E completo o nome. (Volume IV - Diário de L.)

Observamos neste exemplo, que houve uma reflexão da criança sobre sua escrita. Para ela faltava apenas um pingo na letra e complementou com um quadrado ao lado. Percebemos que não há um significado atribuído às letras, ela copia o modelo colocado pela mãe dentro da sua perspectiva. Pede novamente que a mãe forneça um outro modelo, o da palavra 'mamãe', e esta o escreve. Neste instante, L. assume o papel do interlocutor e corrige a mãe: "Assim não. Assim. (fazendo rabiscos embaixo)".

### CONCLUSÃO

Apesar de se tratar apenas de letras e não de frases ou texto, podemos observar o trabalho da criança na sua construção e suas reflexões a partir da interação com o outro e suas vivências anteriores. Todos os exemplos de escritas realizados pela criança aconteceram mediante a presença da mãe, por solicitação ou não dela. Mas esta sempre interferia comentando a escrita da filha, seja apontando ou questionando sobre as hipóteses feitas pela criança, seja elogiando o trabalho feito ou não. Muitas vezes pudemos verificar que L. assumia o papel da mãe e comentava sua escrita. Esses comentários, tanto da mãe quanto da criança, foram o estopim para a reformulação e reescrita da menina. Ou seja, a produção escrita de um adulto, não é um simples modelo a ser fielmente copiado pela criança. Ela já assumia uma postura crítica, como uma leitora da sua escrita e da mãe também. Ela formulava uma imagem significativa daquela letra, e a partir dela mostrava sua posição.

### BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. **Cenas de Aquisição da Escrita: o sujeito e o trabalho com o texto.** Campinas: Mercado de Letras, 2002. 204p.
- MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita. In: ROJO, Roxane. **Alfabetização e Letramento: perspectivas lingüísticas.** Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.87-120.

L: "Agora você faz todas as minhas letras, tá?"

M: "Todas as suas letras?"

L: "É. Faz Lia." (Comecei a escrever o L)

L: "Assim! Tá bom!"

M: "Mas eu ainda não fiz todas as suas letras" (e continuei fazendo o I e o A, com Lia protestando)

L: "Num é assim que é pra fazer não! Num é!"

Escrevi o LIA e ela protestava que não era assim (como era, não sei!). Por fim Lia fez um L num cantinho e eu disse: "Pronto! Agora você já fez o ele de Lia, né?". Lia sossegou e mudou atividade. (Volume V - Diário de L.)

A interação mãe e filha não é passiva em nenhum dos lados. L. se permite "discutir" com a mãe sobre a escrita, não há um reconhecimento da autoridade do adulto sobre o assunto, já que ele é letrado. A criança estabelece um padrão desejado e critica quando este não é atendido, um reflexo do comportamento da mãe quando ela faz algo errado.